

Paz, ou apenas Ausência de Guerras?



Tem-se veiculado na internet que *Albert Einstein* em sua infância teria enfrentado um professor ateu na escola argumentando, entre outros exemplos, que a escuridão não existe pois não passa simplesmente de uma situação de falta de luz. Sem entrar no mérito da autenticidade da informação e também de que ultimamente a ciência tem anunciado a existência de regiões no universo onde encontraram a chamada “matéria escura” que não permite que a luz a traspasse, em minhas considerações me veio a inspiração para escrever sobre uma falha comum entre os cristãos quanto a declarar a presença de alguma coisa simplesmente pela ausência do seu oposto.

Vou começar perguntando: “-*Você está enfermo? Há contenda em sua casa? Houve algum incidente mentiroso no seu grupo familiar, profissional ou eclesiástico?*”.

Caso você possa responder negativamente a cada uma dessas perguntas, me responda mais esta:

“-*Então eu posso declarar que você é cem por cento saudável, que há paz completa em sua casa e que nos grupos que você participa só existem pessoas verdadeiras?*”.

Veja como a constatação a partir da ausência do oposto se torna preocupante, pois não estar enfermo não significa necessariamente que você seja plenamente saudável, bem como a ausência de conflitos neste momento também não implica que a paz é a maior virtude da sua casa, e ainda, a ausência de mentiras também não significa que os teus grupos de convívio são plenamente alicerçados na verdade.

Mas pior do que a constatação pela ausência do oposto é confiar nela como referencia segura para alicerçar as nossas vidas.

Dos exemplos que dei vou selecionar o da paz, pois considero-a um dos alicerces do bem estar humano em todas as áreas.

Então deixe-me insistir: “-*Se não há guerras ao nosso redor, então há paz em nosso meio?*”

Vou responder para não alongar demais as nossas considerações: “-*Não necessariamente!*”

Ora, se você agora mesmo passar a observar alguém que esteja por perto e constatar que não está brigando com ninguém neste momento isso não significa absolutamente que esse alguém possa ser declarado como uma pessoa pacífica! Concorda?

Com base nisso pensemos: com que facilidade ou dificuldade uma contenda seria capaz de atingir essa pessoa observada?

Penso que isso dependeria da verdadeira natureza dessa pessoa. Ora, uma aparente tranquilidade pode estar maquiando uma pessoa intolerante, rancorosa e até iracunda, e nesse caso, uma contenda seria imediatamente acatada e mudaria o cenário em instantes.

Mas se contudo se tratar de uma pessoa verdadeiramente pacífica, mesmo que a contenda lhe sobrevenha com toda a força ela não se implantará com a mesma facilidade do caso anterior.

Deixe-me esclarecer: não estou querendo dividir a humanidade em dois grupos, diferenciando os pacíficos dos atribulados, não é este o nosso foco aqui, mas me permita trocar o adjetivo *pacíficos* por *pacificadores*. Posso?

Sem dúvida essa troca agora acentuou o nosso foco, mas relaxemos, todos os pacificadores são seres pacíficos, embora o contrário pode não ser tão verdadeiro.

Então analisemos: qual a diferença e qual a igualdade entre uma pessoa pacificadora e uma pessoa contenciosa que estejam, ambas, em situação de tranquilidade neste momento?

Vou antecipar a resposta, de novo: “-*A igualdade está em que ambas desfrutam de uma momentânea ausência de guerra e a diferença é que apenas uma delas possui, de fato, a paz!*”.

Ora, já é possível visualizar que possuir a paz e não estar em guerra não é a mesma coisa!

Os exemplos acima são capazes de nos mostrar que todos estamos sujeitos a um eventual ataque e termos a nossa tranquilidade perturbada, o que ocorrendo, terá os seus efeitos na proporção do nível de prioridade que damos à paz em nossas vidas.

Não é difícil perceber que quando não plantamos, não desenvolvemos, não ensinamos, não apreciamos,

enfim, não cultuamos a paz mas em vez disso nos conformamos com a simples ausência da contenda, acabamos tendo um péssimo desempenho no tratamento dos nossos conflitos.

Possuir a paz é muito mais do que simplesmente não estar em guerra!

É tê-la, ser sustentado por ela e ser beneficiário dela.

Quem se contenta com a ausência de guerra pode ser comparado a um castelo de areia a certa distância do mar, o qual, sem dúvida nenhuma será atingido assim que chegar a próxima elevação do nível das águas.

Para melhorar a compreensão da nossa visão vou usar um dos ensinamentos de Cristo:

“Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.” Jo 15:4

Perceba a expressão *“Estai em mim...”*. Por ela Cristo estava indicando que não bastava àquelas pessoas, e a qualquer um desde então, estar apenas próximo d'Ele contemplando a paz que os seus ensinamentos e as suas obras milagrosas lhes podiam proporcionar. Era necessário estar n'Ele.

Deixar a seiva correr d'Ele para nós significa ter a paz residente DENTRO de nós e não apenas usufruir dela como uma circunstância externa a nossa vida.

Uma vara, ou galho, que tenha sido cortado morrerá com toda certeza, esteja ele próximo, ou encostado, ou mesmo amarrado fortemente no tronco da sua árvore. Para não morrer terá que ser enxertado para que a seiva do tronco lhe traga a vida e a produtividade novamente.

Esse ensinamento revela a base dessa nossa abordagem a respeito da paz. Estar em Cristo corresponde a possuir a paz e não apenas a estar em paz.

Dáí vem a correspondência que despertou a nossa atenção e a inspiração para escrever este artigo.

Ora, se estamos em Cristo nós herdamos a paz e portanto não nos satisfazemos com a simples ausência de guerras e conflitos.

Ter a paz é usufruí-la, sentindo-a como uma fonte dentro de nós ao invés de uma fonte externa que nos alcança pois neste último caso nem sempre temos o controle e nem a certeza da sua continuidade.

“Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” Jo 4:14

Esse versículo fundamenta o caráter do pacificador. Ter uma fonte jorrando dentro de si significa ter o suficiente para se manter e para compartilhar com muitos. Portanto o pacificador é aquele que além de possuir a paz também a compartilha, a promove e a implanta por onde passa.

“Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!” Is 52:7

O pacificador é um bem aventurado:

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” Mt 5:9

Essas duas passagens dão conta de que possuir a paz é uma característica primordial dos filhos de Deus (os pacificadores), portanto, como pessoas que ocupam essa posição hoje, temos um dever para com o Reino de não nos conformarmos com uma cínica ausência da guerra e, assim, evitar de pecarmos ao interpretá-la erroneamente como prova da presença da paz.

Na prática temos nos conformado com períodos de aparente paz, união e comunhão dentro das nossas famílias e mesmo dentro das nossas igrejas, e assim é que muitas vezes vemos, assustados, a contenda, a mentira e as enfermidades se estabelecerem com uma facilidade assustadora e fazendo-nos parecer que a paz e todos os demais valores cristãos são fracos e estão à mercê das forças do mal.

Portanto não se conforme com a ausência da guerra, nem com a ausência da enfermidade e nem com a ausência da mentira.

Precisamos possuir a paz, a saúde e a verdade!

“Aparte-se do mal, e faça o bem; Busque a paz, e siga-a.” IPe 3:11